

## A IMAGEM COMO VOZ: MÍDIAS ELETRÔNICAS E EMANCIPAÇÃO

Audnã Abreu<sup>1</sup>

**Resumo:** Temos como estudo aspectos do fenômeno do uso imagens como suporte de provocações e questionamentos sobre o corpo, identidade e subjetividades no meio escolar. Sobretudo, como ferramenta de reflexão sobre o cotidiano e suas potencialidades estéticas, triangulando cultura visual, teoria crítica e performance arte. Os resultados são vídeos e imagens que aumentam as possibilidades de voz dos educandos dentro do espaço escolar: evoluindo de suas afetividades até a interação com o meio comunitário em que atuam.

Uma das maneiras de alcançar essa posição é a localização do “eu” e do “outro”; elaborando as subjetividades que compõem a identidade e construindo uma relação ética com as diferenças.

**Palavras-chave:** educação, cultura visual, performance.

**Abstract:** We are studying the features of the use of image as support for inducing and querying about the body, identity and subjectivity on educational environment. Mainly, its benefits as a daily reflection tool and its aesthetics potential on triangulating visual culture, criticism theory and art performance.

One way to reach on this position is to locate the “I” and the “another”; to make out the subjectivities for compounding the identity and for building an ethical relationship to deal with the differences.

**Key-words:** education, visual culture, performance.

### Mídias eletrônicas e o espaço escolar

A seguir utilizamos um exemplo de como o ensino formal muitas vezes se mostra despreparado para abordar os aparatos eletrônicos; enfatizando que é este um caso único que não dá suporte a qualquer tipo de generalização, mas que serve de ponto

---

<sup>1</sup> - Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual – UFG / audnan.s@gmail.com

de partida para questionamentos suscitados pelo uso crescente de eletroeletrônicos dentro de sala de aula. Em seguida descrevemos algumas experiências com meus alunos que triangulam cultura visual, performance arte e o uso de mídias; na tentativa de problematizar as práticas relacionadas ao uso de imagens que ilustram minhas inquietações sobre o papel da tecnologia na escola. Estas experiências não são soluções, mas servem como trampolim para a reflexão sobre a possibilidade de integrar subjetividades infanto-juvenis, o corpo e a produção sistematizada de experiências e significados dentro do ensino formal, mais detalhadamente em uma escola pública da periferia de Goiânia-GO.

### **Cidadania e o mundo imagético**

Em 2012 correu nas mídias jornalísticas, principalmente televisivas, a repercussão de uma página da rede social da internet que denunciava as condições de uma escola pública feita por uma aluna de 13 anos no estado de Santa Catarina, Isadora Faber. A página contém fotos, vídeos e relatos sobre o cotidiano da escola: estragos na estrutura física, o lanche servido e ações em sala de aula (<http://www.facebook.com/DiariodeClasseSC?fref=ts> – em 30/01/2013). A polêmica, que alcançou grande notoriedade (Programa da globo – Fantástico – no youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=vXgpU4B41ck>), girou em torno de vários pontos: 1) precariedade da estrutura física da instituição e do sistema escolar público; 2) direito de registrar imagens da escola por parte da aluna; e 3) a retaliação por parte da escola à iniciativa da aluna (<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/1156469-denuncia-contra-aluna-que-fez-diario-da-escola-deve-ser-arquivada.shtml>).

A dinâmica desenvolvida por si só desperta interesse, pois os atritos criados podem ser observados de várias perspectivas. Mas chamo a atenção para um foco específico: como a escola lida com a tecnologia e as imagens? É possível relacionar a produção e circulação de imagens com a cidadania? Quais ações positivas poderiam ser tiradas dessa experiência para a uma reflexão crítica dentro processo pedagógico?

O ocorrido demonstra no mínimo que o aparato educacional onde ela estuda: Escola Básica Maria Tomázia Coelho (Florianópolis), foi pego de surpresa, sendo necessária uma reunião entre professores e coordenação para que discutissem como abordariam o caso de forma emergencial na época.

Vale a pena enfatizar que os olhares da mídia televisiva influenciou os encaminhamentos de forma surpreendente, não só pela recuperação das instalações físicas da escola pelo setor público, como por atos de intimidação sofrida pela aluna em sua casa, onde um parente dela se machucou ao receber pedradas dirigidas ao imóvel. Uma professora chegou a abrir um boletim de ocorrência contra a aluna e outro professor foi demitido após denuncia no site.

Foi inquietante o termo utilizado pela mãe da educanda ao defender a filha da acusação de desrespeito ao direito de uso de imagens ao expor alunos e funcionários da escola, “Ela está exercendo a cidadania” (idem). Essa frase ilustra o conceito de senso comum que pode nos orientar para uma reflexão que inclua as questões pertinentes a educação para cultura visual, pedagogia crítica e construcionismo.

Estas questões chegaram à dimensão policial, depois de esgotadas as tentativas de diálogo dentro da instituição de ensino. Demonstrando que a escola não deu conta do assunto em âmbito pedagógico, resvalando para agressões pessoais e abrindo brechas para a interferência de outras instituições como a secretaria de educação e o poder policial e a justiça.

O meu interesse surgiu como a educação muitas vezes ignora as práticas que vão sendo sedimentadas na sociedade, dentre elas, o modo com os processos pessoais e analógicos vão sendo substituídos pelos digitais. E principalmente como a relação com o conhecimento está se transformando: como e quando se ensina e se aprende, o que se ensina e se aprende no ensino formal. Estas modificações impactam sobre o aspecto da cidadania, compreendendo esta como “...a participação integral dos cidadãos na comunidade” (Brandão, 2010); seu aspecto se expande ao modo como construímos nossa representação do mundo e a dignidade como nos relacionamos com ele.

A participação integral, pressuposto da cidadania, deveria contemplar uma igualdade de acesso aos bens sociais materiais e imateriais, dentre eles, a capacidade de emitir opiniões e juízos dentro do jogo democrático. Mas no exemplo citado, a escola se tornou um cenário de agressões e disputas, desde o campo político: que envolveu a imagem da administração municipal local; até agressões físicas entre professores e alunos em vídeo na página da aluna. Desvelando que as discussões não se deram em termos da pedagogia crítica. Sendo uma possível justificativa para essa limitação, a convivência com um ensino tradicional de caráter bancário nos termos de Paulo Freire (Patto, 1997, p. 62).

Pensamos que a cidadania plena se faz com uma educação mínima no sentido de habilitar as pessoas a se relacionarem com os códigos vigentes em seu meio; cabendo a educação um papel emancipador de forma que “os sujeitos possam dispor de suas capacidades e sejam donos de sua voz e de seus atos.” (Aguirre, 2011, p. 71). Implicando em novas práticas que considerem incorporar os comportamentos da sociedade atual, inclusive a convivência cada vez maior de aparatos de registro de mídias, bem como os meios como elas se disseminam e são assimiladas.

Considerando que as sociedades contemporâneas possuem como uma de suas características o uso cada vez maior de imagens (Duncum, 2011, p.17), se faz pertinente meditar sobre o papel das imagens no processo educacional, e como o chamado capitalismo cultural eletrônico (Tourinho e Martins, 2011, p. 57), vem se impondo na maneira como representamos simbolicamente o mundo. Esse capitalismo cultural eletrônico seria esse acelerado processo de criação, distribuição e consumo de imagens, otimizado pelas redes sociais na web.

É uma possibilidade que a resistência à incorporação de novas tecnologias, por parte do meio escolar, possa criar um prejuízo no exercício da cidadania, na medida em que ignora as modificações dos novos arranjos comunitários, sociais e econômicos. É também plausível imaginarmos que a simples adoção destes aparatos sem uma reflexão sobre seus usos possam criar situações constrangedoras como a verificada na escola de Santa Catarina; conforme Duncum nos esclarece “ a tecnologia nos fornece os meios, não as explicações” ( Duncum, 2011, p.17). Estes meios não são prejudiciais em si mesmos, porém o manuseio dos aparatos deve ser ajustado dentro de discussões éticas.

A simples negação que a sociedade já incorporou o uso mídias para construção de subjetividades e juízos não é mais suficiente para manter um quadro tradicional de ensino, sendo conveniente discutirmos o ‘como’ em vez de ‘se’ devemos conviver com os eletroeletrônicos.

### **Imagem e verdade**

Entrando pelo campo das divagações, imagino a cena da aluna utilizando exclusivamente palavras para expor suas denúncias, ela descrevendo em longos textos os fios desencapados, as portas quebradas, as brigas em sala; e questiono se haveria nessa situação hipotética tamanha repercussão dos acontecimentos.

Parece que vivemos uma inversão da questão iconoclasta. Justamente o uso de imagens pela aluna conferiu um caráter de verdade as suas palavras. Ela mesmo utiliza

este termo para se colocar politicamente. Em sua página na rede social o título é “Diário de Classe – a verdade...”. Neste, os textos são curtos e emblemáticos. Apenas orientam a leitura das imagens de forma sucinta, para direcionar o sentido de leitura.

Nada mais comuns nas redes sociais, quase todas são repletas de um máximo de imagens e um mínimo de palavras. É neste ambiente virtual, povoado de fotos, vídeos e trilhas sonoras que muitos jovens desenvolvem sua subjetividade. Meio caracterizado pela imagem em detrimento da palavra. Daí eleger as mídias de imagem/som como objeto de discussão em relação à cidadania. Problematizando visões totalitárias e unilaterais.

Nos ajuda compreender que a cidadania, em nosso país, é um conceito que foi colocado de cima para baixo, sendo primeiro decidido por uma elite, e aos poucos sendo absorvida pela população em geral, na visão de Carvalho (2008, p. 338). Processo em que ainda nos situamos de uma ou outra maneira, desde a última constituição, apelidada de constituição cidadã de 1986, não por inaugurar a ideia de cidadania, mas por ampliá-la. Seu sentido se alterou de uma concepção de pertencimento para uma ação de transformação, e ganhando uma força social inédita. Conforme Velasco e Barcellos (2012, p.2) “Todavia, teria sido nos anos 80 que esta concepção tornou-se mais forte, marcando a passagem de um cidadão consciente da sua pátria para um cidadão crítico e participativo”.

Na verdade, houve uma retomada do conceito Aristotélico, no qual cidadão era aquele que tinha o direito e dever de participar das decisões que atingiam a coletividade (Coutinho, 2005, p.3). Claro que com a diferença que cidadãos para os Gregos excluía escravos, mulheres e estrangeiros.

Desta maneira o uso pela mãe do conceito de cidadania cria certo efeito discursivo que insere sua filha como defensora da coletividade. Conferindo um tom politicamente correto. Esta leitura foi a mais disseminada nos programas televisivos nos quais ela deu entrevistas (<http://www.youtube.com/watch?v=JZC3P07m7CI>).

Não cabe aqui criar juízos de valores sobre os conflitos entre a educanda, o corpo docente da escola e seus próprios colegas. Mas é relevante considerarmos que diversas comunidades semelhantes se espalharam pela internet no mesmo modelo, embora eu não tenha percebido os mesmos efeitos nos demais casos. Essa difusão reflete a agilidade com que estes fenômenos se propagam e se reinventam, numa velocidade que apenas os meios eletrônicos permitem.

Agilidade para se reelaborar que não percebemos nas escolas. A postura assumida na mídia pela instituição se restringiu a se defender das denúncias iniciadas na internet, em um primeiro momento, e o silêncio em seguida<sup>2</sup>; contudo, sem o mesmo poder de persuasão da aluna em nenhum momento.

Situação previsível, se compreendermos que na formação de professores o tema da mídia e imagem são tratados como a 30 anos atrás, apenas pelo foco do mass mídia. Conhecimentos que foram superados pela inversão da produção de conteúdos, não mais dependente de uma indústria de informação, mas que nos novos moldes, se inicia com um celular que tira fotos e tem sua edição no computador do quarto ao lados dos posters infantojuvenis, indo diretamente para mais de 500 mil seguidores, caso da página do Diário de Classe.

Me questiono se a atitude proativa da educanda não seria apenas o reflexo da pedagogia crítica, orientação oficial dos currículos, ensinada na própria escola. Mas temos aí temos uma coincidência que coloca essa proposição em risco, os pais da Isadora, Mel e Christian Faber, são produtores de vídeo. Ou seja, são profissionais da imagem. O que volta a pergunta: onde e quando se aprende atualmente.

Este questionamento leva a outro; uma vez que o estudo de imagens são negligenciados pelo meio escolar, é possível que os jovens não estejam recebendo a devida educação para lidar com os aspectos éticos inerentes ao processo.

Imergindo um pouco mais, quais seriam as abordagens coerentes para este manuseio da imagem na escola?

### **Cultura visual e emancipação**

A escola tem por missão pré-socializar as crianças para os saberes necessários a sua adequação ao mundo do trabalho e das interações sócio-culturais valorizadas como positivas pelos gestores. Normalmente fazemos isso utilizando como padrão uma pedagogia crítica, que aspira “emancipar os indivíduos da dominação que constrói e mantém as sociedades em inaceitáveis extremos de desigualdade social, e, sobretudo, econômica.” (Tourinho e Martins, 2011, p.59).

Compreendendo essa emancipação como “uma esfera particular da experiência, na qual os sujeitos possam dispor de todas as suas capacidades e sejam donos de sua voz e de seus atos” (Aguirre, 2011, p.71); suscita que, uma das questões da disciplina de

---

<sup>2</sup> <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-versao-dos-professores-da-escola-de-isadora-faber>

artes é lidar com as experiências estéticas dos alunos, não somente pela perspectiva da bagagem do professor, mas, sobretudo, estendendo este campo para as práticas culturais vigentes na sociedade; neste caso, me refiro a produção, distribuição e usos da imagens, ao que chamamos cultura visual (Tourinho, 2011, p.51-53), e de forma mais específica ao uso dessas mídias eletrônicas vinculadas a tela como celulares, câmeras etc.

Neste cenário atual, repletos de informações que nos chegam principalmente pela web, “Há uma revalorização cognitiva da visualidade e da oralidade, ameaçando aquele tipo de representação e saber sustentados pela cultura letrada”(Oliveira, 2005,p.499-500).

Desta forma, questiono a possibilidade de repensarmos os conteúdos de artes, a metodologia e mais ainda: o status que a imagem possui como produtora de conhecimento na escola.

### **Imagem e palavra**

Essa discussão remete ao modelo epistemológico utilizado no ensino formal, situado dentro de um paradigma, que elegeu a palavra como suporte privilegiado na reflexão e produção de conhecimento. Neste contexto positivista, que busca o rigor pela construção lógica de sentidos e pelo discurso escrito, a polissemia das imagens gera desconforto pela sua imprecisão e abertura a diversas leituras, “o pecado da imagem parece ter sido a sua índole subjetiva e polissêmica, características suficientes para ser renegada pelo aparelho científico” (Campos, 2011,p.244).

O resultado desta tradição é o fato que até mesmo disciplinas ligadas à arte, de caráter eminentemente subjetivos, são impactadas por este modo de pensar. Busca diversas vezes utilizar métodos lineares que imitam a leitura de um texto; o que não seria um empecilho, se não houvesse nesta geração, outra maneira de construir subjetividades e adquirir conhecimento se consolidando na cultura fora dos muros da escola.

Esta outra maneira se caracteriza pelo hiper-texto, fluxo rizomático de sentidos e principalmente pelo conceito de interatividade; que se somando ao de conectividade, cria um ambiente estranho à modo fixo como o conhecimento é concebido no ensino tradicional, se distanciando da maneira como essa geração manipula as informações, “O importante não é mais estar reunido, mas conectado” ( Oliveira, 2005,p.498).

O óbvio da situação é que apenas o uso destas tecnologias não garante a ambicionada posição crítica; é necessário assumi-las e usá-las com sabedoria (Duncum,

2011, p.17). As imagens que chegam a essa juventude são caracterizados pela abundância e redundância; ou seja, há uma quantidade imensa de informações que não se traduzem em diversidade, principalmente, diversidade multicultural (Aguirre, 2009). Sendo primordial a interferência escolar para que seja alcançada uma qualidade maior de ensino.

O que os alunos devem aprender na escola está relacionado com os saberes necessários à convivência numa futura sociedade de forma que se tornem produtivos, consumidores e socializáveis. Em nosso caso, orientados pela pedagogia crítica: desejamos que se tornem cidadãos reflexivos de seus papéis. Nestas esferas, a função da escola é preparar o aluno para construir significados a partir de textos emitidos pelo mundo e respondê-los através dos diversos léxicos considerados mais frequentes.

### **A menina e o celular**

Observei certa vez minha aluna que pegou meu celular, e após alguns momentos de interação com um aparelho, registrou um pequeno vídeo e me mostrou. Naquele momento me preocupei mais com a dinâmica determinada para a aula que com o vídeo, mas algo se fixou em mim para ser elaborado, a partir do vídeo da menina, que destoa da maneira como os saberes são tratados na minha escola.

Enquanto a minha aula obedecia a uma linearidade processual, a dinâmica cognitiva da jovem contrastava pela multidimensionalidade com que encontrava as respostas.

Meu planejamento consistia em: 1a) ilustrar o evento que serviria para o conteúdo do dia, 2a) questionar com os alunos a análise seus elementos constituintes, 3a) levantar o conceito abstrato, 4a) aplicar o conceito para que produzissem algo de concreto. Por sua vez, a educanda tinha como objetivo me filmar, e a dinâmica utilizada para aprender a usar o celular, novo inclusive para mim, foi como andar em um labirinto: indo e vindo até achar a resposta; foi apertando os ícones da tela e descartando-os, pelos erros, as opções que não lhe davam a resposta desejada.

Enquanto meu processo refletia a leitura de um texto (linear baseada no acerto), por contraste o da minha colaboradora se movimentava como uma imagem (multidimensional utilizando o erro como ferramenta de aprendizagem).

Este meu relato é apenas mais um, que todos que convivem com crianças possuem, que descreve como estas gerações tem facilidade para lidar com os eletrônicos. O senso-comum argumenta que já nascem sabendo, como se a fisiologia



deles tivessem um órgão acrescentado para lidar com eletroeletrônicos, mas prefiro apostar que a mudança que ocorreu teve seu campo no processo cognitivo-cultural em que a criança se desenvolveu. Em outras palavras: estes jovens apresentam uma plasticidade neuronal que facilita a sua comunicação com os idiomas da tecnologia, facilidade esta, adquirida através do exercício cotidiano de lidar com esses apetrechos para se comunicar socialmente (Oliveira, 2005,p.500). Meio cultural que pode ser denominado de multiambiental ou multicontextual, por exigir o trânsito por diversos contextos simbólicos: familiar, escolar, grupal e virtual (Aguirre, 2011).

O que destaco é que o tipo de narrativa produzido pela aluna, que dependeu da cognição do mecanismo do celular e resultou no registro em vídeo da minha aula, não é uma construção de conhecimento tida como válida no âmbito escolar. Estamos ainda colados numa tradição que privilegia o conhecimento como a aquisição de conteúdos prontos, em detrimento do conhecimento como fenômeno de descoberta e produção.

Nossos alunos estão manuseando, descobrindo e produzindo subjetividades com uma frequência maior que percebemos; principalmente através destes novos eletroeletrônicos, que facilitam a captura e edição de mídias: de celulares à web, os meios virtuais estão cheios delas. Eles trocam produções simbólicas fora e inclusive dentro da escola, mas nela é o ingrediente oculto pelo quais os jovens elaboram suas expressões, principalmente nas redes sociais.

### **A formação do professor**

Para um avanço neste raciocínio, cabe situar alguns conflitos possíveis que já são sentidos em algumas instituições; com os quais precisamos aprender a como lidar. Temos no ensino tradicional dicotomias como: as diferentes maneiras como professores e alunos lidam com o conhecimento e as tecnologias; atrito entre a cultura-escolar e a juvenil; o descompasso entre as velocidades de mudanças entre a sociedade e a escola, etc.

Os itens acima são pertinentes na medida em que investigamos a maneira como os alunos lidam com o conhecimento e as tecnologias, e buscamos compreender o papel da imagem nesta construção de conhecimento.

Para muitos educadores da minha geração, a aquisição de conhecimento era uma luta árdua pelo acesso à informação, e o uso de equipamentos eletrônicos algo que carecia de treinamento e orientação, sob risco de estragar as ferramentas. Para estes alunos o que dificulta é justamente o excesso de dados e a dificuldade em selecionar e

relacionar estas informações; já o manuseio, das ferramentas tecnológicas, é “intuitivo” e o máximo que precisaremos fazer é reiniciar a máquina, caso tenhamos pego o caminho errado.

Precisamos discutir este item com maior profundidade, visto que já ouvi, algumas vezes, que o uso de eletrônicos na escola é uma questão de formação do professor, o que me soou estranho. Como seria essa formação? Visto que a principal característica destas mídias é justamente a velocidade em que mudam e a riqueza de possibilidades que oferecem; provocando justamente a dificuldade de aprendizagem delas pelo método linear-acerto a que estamos acostumados.

Ou seja, uma ferramenta simples como um editor de texto demandaria tanto tempo para seu aprendizado, pela riqueza de ferramentas à disposição, que provavelmente estaria este conhecimento ultrapassado quando o dominássemos pelo método de formação tradicional.

O que está em jogo é justamente que estas mídias são construídas para dispensarem este método ao qual estamos acostumados. A forma como os designers configuram as máquinas e a interface são voltadas justamente para dispensar um aprendizado sistematizado na ordem: primeiro teoria e depois prática, em prol de uma aprendizagem interativa onde se aprende fazendo e se faz aprendendo.

Estas novas máquinas tem como uma de suas virtudes a facilidade de se auto explicarem. Deste os celulares e câmeras até computadores. Pois foram pensados para resistirem a esse método que estranhemos nas crianças, que quando não sabem qual botão apertar, apertam todos. Ou seja, o conhecimento se dá pela interação.

Esta forma de aprendizagem não dispensa o ‘outro’, mas este ‘outro’ é mais disponível que o da aprendizagem convencional. Ou ele está indeterminado no projeto como a máquina foi desenhada, que anteviu as possíveis dificuldades dos usuários. Pode também estar on-line, por um tutorial, por perguntas frequentes, ou no manual do fabricante. Ou simplesmente pode ser uma pessoa física ao seu lado, que você pergunta “como salva agora?”.

Das formas acima, nenhuma delas é tão burocratizada como no método tradicional, que exigem tempo e espaço específicos (sala de aula com postura adequada dos alunos e professor), aspecto coletivo (todos tem que aprender ao mesmo tempo), aula expositiva: onde temos a pretensão de sermos uma oportunidade única na vida do educando para obtenção do saber.

Esta maneira de aprender se diferencia da qual alguns professores esperam receber como formação. Pois ela é baseada numa cognição multidimensional baseada no erro, ao qual ainda não estamos à vontade. É passível de acontecer a qualquer momento; e possui um pragmatismo assertivo, no qual as respostas são fáceis de se obter, desde que se faça a pergunta correta.

Essa diferença de métodos gera uma verdadeira fobia das máquinas, que muitos professores sentem. Essa fobia é alimentada pela impressão que se tem à distância que este meio é movediço; ou seja, que as tecnologias mudam com muita rapidez e que parece um corrida na qual se gasta muita energia para se estar no bloco da frente.

### **Cultura juvenil**

Devemos também salientar as diferenças entre a cultura escolar e a infanto-juvenil. As práticas escolares por natureza estão sempre defasadas em relação às demandas sociais. Mas cabe inserir a discussão se já não é tempo de reconhecermos que a sociedade cada vez mais utiliza como texto palavras e imagens de forma simultânea, e que a escola perde em significação por privilegiar o texto escrito como forma única e autêntica de conhecimento.

Precisamos não confundir com a simples inversão de trocar palavra por imagens; mas sim conferir a estas, sobretudo as da mídia eletrônica, o reconhecimento que lida melhor com certas formas de construção de conhecimento.

Esta diferença no manuseio da informação tem acirrado o descompasso entre as produções estéticas dentro e fora da escola; pois aumenta a distância entre o mundo dos professores e o mundo dos alunos.

Me apropriando das figuras-conceito de Aguirre(2009); ... temos no quarto dos alunos os objetos estéticos que se conectam efetivamente e os influenciam inclusive eticamente: posters, mídias, músicas, livros etc. E os conteúdos ministrados em sala de aula em educação artística, muitas vezes, não permeiam a vida dos alunos fora da sala da aula.

Desta forma concordamos com o autor, quando de sua defesa, de uma maior presença da cultura visual e musical dos jovens no meio formal de ensino.

### **Experimentações**

Buscando praticar alguns dos conceitos mencionados, cito duas experimentações com meus alunos de 9 a 11 anos do ensino fundamental. A primeira foi a produção de

um vídeo amador onde busquei compartilhar a ‘voz’ autoral, ao delegar a eles a captação das imagens e a escrita das falas; me restringindo a edição. Na segunda, a partir de imagens da televisão, web e obras de arte; a vivência de uma performance arte que envolvesse a comunidade vizinha à escola.

O vídeo discorreu sobre o conceito de lar/casa emergido a partir de depoimentos e imagens criados pelos alunos; onde de posse de câmera e libertos da figura do professor, eles decidiram o quê e como filmar, sendo fiel à construção do conceito de pertencimento a um lugar.

Na performance, que elaborei junto com a colega de mestrado Dânia Soldera, os alunos abordaram os transeuntes da praça do Bairro, e solicitaram à eles que fizessem uma pose fotográfica inspirada em alguma imagem escolhida de um álbum de 40 reproduções. Onde havia desde a foto de Michael Jackson ao Pensador de Rodin. Estas poses eram registradas em fotografias onde o participante era acompanhado dos alunos; criando uma nova imagem a partir de uma já existente.

Dentre o que aprendi sobre as experimentações, em relação ao conteúdo aqui discutido, é a possibilidade de avançarmos de um ensino informativo para um significativo. Que tire da zona de conforto das práticas tradicionais, e nos coloque em terreno com mais riscos, mas também mais fértil para as discussões de coletividade/individualidade, ética da imagem, limites do eu e do outro. Através da prática do registro de imagens, brotou espontaneamente discussões sobre identidade, representação e subjetividades. Temas que fogem ao ensino tradicional de arte, mas que se fazem necessários para uma vivência mais consciente desse mundo cada vez mais saturado de imagens de toda natureza.

## **Referências Bibliográficas**

**AGUIRRE**, Imanol. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. In: Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores).

Educação da cultura visual: conceitos e contextos/ Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011. p. 69-112.

\_\_\_\_\_. Imaginando um futuro para a educação artística. In: Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa. Santa Maria: Ed. da UFSM. 2009, p. 157-188.

**BRANDÃO**, Fernanda Holanda de Vasconcelos. Dignidade da pessoa humana e cidadania: Princípios fundamentais e essenciais para o acesso à Justiça. In: Âmbito Jurídico, Rio Grande, XIII, n. 75, abr 2010. Disponível em:<[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=7538](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7538)>. Acesso em jan 2013.

**BRANCO**, Sérgio. Direito à Educação, Novas Tecnologias e Limites da Lei de Direitos Autorais. Disponível em: [http://www.culturalivre.org.br/artigos/direito\\_educacao\\_novas\\_tecnologias.pdf](http://www.culturalivre.org.br/artigos/direito_educacao_novas_tecnologias.pdf). Acesso em: 16 Jan. 2013.

**CAMPOS**, Ricardo. Imagens e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. *Análise Social*, vol. XLVI (199).2011.pag 237-259.

**CARVALHO**, José Murilo de, 1939 – Cidadania no Brasil: o longo caminho / José Murilo de Carvalho. 11ª. Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

**COUTINHO**, Carlos Nelson. Notas sobre cidadania e modernidade. In: *Revista Ágora: Políticas Públicas e Serviço Social*, Ano2, n.3, dezembro de 2005 - ISSN - 1807 - 698x. Disponível em

<http://assistentesocial.com.br/novosite/agora/agora3.zip>. Acesso em: 7 de mar. 2013.

**DUNCUM, Paul.** Porque a arte-educação precisar mudar e o que podemos fazer. In: Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). Educação da cultura visual: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.

**GONÇALVES, Dalcio Marinho.** Universalização da educação básica no Brasil: utopia para a construção de uma educação integral / Dalcio Marinho Gonçalves. –Rio de Janeiro: 2010.152 f.Inclui anexo. Orientador: Prof a. Dr. Moema De Poli Teixeira. Dissertação (Curso de Mestrado) – Escola Nacional de Ciências. Estatísticas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais.

**HEIDEGGER, Martin.** Serenidade. Lisboa: Instituto Piaget. 2000.

**OLIVEIRA, Rita de Cássia.** Cibercultura, cultura audiovisual e sensorium juvenil. In: O chip e o caleidocópio: reflexões sobre as novas mídias. Lúcia Leão, organizadora. São Paulo: Editora Senac São Paulo. 2005.

**PATTO, Maria Helena Souza.** Introdução à psicologia escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo. 1997. 3ª edição.

**RAPOSO, Gustavo de Resende.** A educação na Constituição Federal de 1988. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 641, 10 abr. 2005 . Disponível em: <<http://jus.com.br/revista/texto/6574>>. Acesso em: 28 jan. 2013. Leia mais: <http://jus.com.br/revista/texto/6574/a-educacao-na-constituicao-federal-de-1988#ixzz2JI55ow3c>

**TOURINHO, Irene & Martins, Raimundo.** Circunstâncias e ingerências da cultura visual. In: Educação da cultura visual: conceitos e contextos/ Raimundo Martins e Irene Tourinho (organizadores). Santa Maria: Ed. da UFSM. 2011.

**VELASCO, Diego Bruno & BARCELLOS, Vitor Andra.** Sentidos de cidadania e demandas do presente nos livros didáticos de História: um estudo sobre a coleção História e Vida. In Anais do XV encontro regional de história da ANPUH-RIO. São Gonçalo. 2012 .  
[http://www.encontro2012.rj.anpuh.org](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1046)  
[/conteudo/view?ID\\_CONTEUDO=1046](http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1046). Acesso em: 7 mar. 2013.